

## É PATO OU GALO?

DIADORIM

Antenor Pimenta Madeira

Escola de Engenharia  
Curso de Engenharia Mecânica

**«O capeta se esconde é aonde há medo.  
Tudo é bobagem. Ruim é a gente mesmos».**

(Laurim Temponi, de Santa Maria do Suaçuí)

As vacas berravam e os vaqueiros ajuntavam os bezerros na casinha-de-tira-leite. Tudo cheirava, o capim, o mato, o canavial verdinho, o monjolo e sua queda d'água, os pastos aveludados, as reses saindo do curral, esparramando seus berros repetidos e prolongados pelas distâncias das pastagens.

João Cesário apeou, amarrou seu cavalo numa acha de baraúna e subiu as escadas da varanda. Tirou o chapéu e abanou um vento. O mundo dormia sossegado, mirado dali do belvedere. No fundo, além da veredinha, avistou o revão das maitacas, cobrindo o verdume da matinha. João Cesário assuntava as coisas todas. Viajara muito para poder estar com Fulogênio Carvaes. Trouxera carta de Reduardo Eulálio, seu tio e antigo amigo do velho Carvaes, onde era recomendado como estudioso das crenças populares. Sentiu um cheiro bom de café vindo da cozinha, suspirou um gole de ar e caiu numa sonolência leve.

— Eta vida de meio dia e sol de duas horas, sono que rege mundo, hem? Então ocê é o sobrinho do Reduardo Eulálio, né? Velho de ouro tá ali. Ocê sabe, casa de Fulogênio Carvaes é casa de Reduardo Eulálio, o que é meu é dele e ao seu dispor.

Nem diga, não pense nada, já mandei trazer café, é de garapa. Ocê, com certeza, vai gostar, tenho tino. Qual o seu nome? Não, nada disso! Não chamo de João Cesário, chamo de Reduardo Eulálio e fim. Pra mim ocê passa a ser o Reduardo Eulálio.

Ocê é novo... vê graça no meu jeito astuto? Leal obrigado, gosto de gente do seu calibre. Então quer saber a verdade sobre o Pato-ou-Galo? É invencioneira pura dessa gente. Que fiquem com o capeta deles pra lá. Ora, deixa dessa coisa de cansaço, amanhã ocê pensa nisso. Mando Bituca arrumar cama e ocê dorme o dia inteiro amanhã. Hoje é prosa... nós dois. Visita de paz alegre a gente.

Sim, sou solteiro, sozim... sou... quis casar não, pergunte ao seu tio, ele sabe. Mas tenho duas mulheres, uma mora na grotta, a Sá Romualda, a outra amásia vive no Mindubim. Railda é o nome dela, é bonita, dentes lindos, mocinha mesmo. Homem carece de muitas mulheres, ocê não acha? A carne é fraca, uai.

Tenho duas fazendas, esta e a Tapetinga, do outro lado do Ribeirão Sete Canelas, perto do Murubal. Isso! Lá mesmo, onde corre o Rio Água Parada. Brancura de belezas, se nadar naquelas águas. Dá muito peixe também. Se ocê quiser pescar por aqui, o Zé Rocha leva, aquele malino entende tudo de anzol. Os meus modos não são pra essas coisas, não tenho paciência com a mordeção de moriçocas. Aquele bichinho é feio de chato. Ah!... fumo espanta, mas não pito. Bazé faz mal pra mim, não faz meus ares. Ocê cigarra um pito dos bons, apapelado com papel branco. Quero não, é o meu jeitão batido mesmo, não gosto.

Her!... hum! deixo de nove horas e conto a história, escuta tudo atento, pois não sou de muitas falas. Se vê, né? Sou caipira do mato e a minha fala pode ser corrigida de erros.

No Mindubim, de acordo com a minha mão direita, atrás daquele morro desparambeirado, moravam famílias inteiras com o mal de lázaro. Essa gente faltavam pedaços no corpo — já vi um assim na fazenda do Zezim Braga. Hoje ele tá morto. Morava numa tapera escondida no meio do mato. Ninguém gostava de ver, dá um gasturamento danado — O Mindubim nasceu com eles. Aqui era cafundó nacional, tinha mata virgem e onças brabas.

Como diz minha cumadre Sá Vitinha: «Foi no tempo da zagaia de ganchos». O povo das redondezas reuniu e expulsou os moféticos para a Bahia, na fronteira mineira. É estrovenga, mas com pouco o lugar virou um comercinho até bom.

Bem, encurtando, eu digo. A minha mãe morava comigo aqui, na Saracura, mas na época esta fazenda era apenas um retirozinho e tinha o nome de Várzea Branca. Minha mãe era bem pobre, só tinha a terrinha e as poucas criações em volta da casa. A gente havia mudado pra cá tinha pouco tempo. O nome dela? Hum... Hum... Vou dar outra rapada na goela, tenho o peito carregado, careço de um chá feito de folhas de hortelã cheiroso. Sá Romualda sabe preparar um bom. Vivo assim, meio lá, meio cá, nessa tosse. O nome de minha mãe era bonito, tal qual de santa, era Ana Luca. Carvaes. Fico suarento de saudade, sinto um ão sem jeito feito um nó nas tripas, é uma espécie de frio fora do sério. Sempre adorei minha mãe e ela devia gostar muito de mim também. Apreceio muito gente pobre trabalhadora e nós sempre fomos. A gente criava galinhas e galos pelos arredores do terreiro. Naquele pedacinho de mundo que foi nosso, a casa acordava com o cacarejo dos galos e galinhas. Tinha um galo que eu gostava demais, era o Pé-de-esporas. Não sei, mas às vezes a gente gosta de bico. Dou exemplo. Tenho um curió cantador e vendo a preço nenhum, pois peguei estima e quando se pega estima até parece amor, né mesmo? O curió fica no fundo da cozinha, lá na coberta, numa gaiolinha. Estrala de tanto cantar. Ocê gosta é de passarim do reino? Então presenteio um na sua ida. É bom levar em alçapão para viajar; tenho uma porção de alçapões feitos de embaúbas. Como tava contando procê, do pé-de-esporas eu gostava demais. É tanto que no dia que vendi a galinhada, só não vendi esse galo e mais umas três galinhas. Fiz negócio com um extremante nosso, um fulano João Redondo, que me pagou a bons réis.

Mas traz e leva, o mundo roda e não sai do lugar. Ocê veja só, Reduardo Eulálio, ficamos precisando de mais dinheiro, então resolvi ir vender o pé-de-esporas no Mindubim, porque no arraial dava pra obter um dinheirinho maior. Mas foi o que ocê não sabe, vai escutando. Nem conhecia o Mindubim direito, pois quase não

safia da Várzea Branca. Nem dia de sábado fui. Pra chegar cedo lá, levantei sem o romper do dia e ganhei a estrada.

Aconselho procê, quando voltar, viajar cedo. Vê-se o de maior beleza nesses campos sertanejos: a lubrinada no verdume do colônia. A friagem sempre acompanha os viajores matutinos. Espia só, no caminho do Joá tem um rego d'água; pare lá e beba água; dói os dentes a friagem dela; mata a sede do povo caminhante; começa num tabocal e vai descendo ladeiras, apanhando frescume caminho abaixo.

Reduardo Eulálio, já falei que não conhecia o Mindubim direito, por isso mesmo, quando cheguei lá, vendi o Pé-de-esporas para um tal Imídio Santana. Só depois fui saber: ele era o pior mal pagador da região. Na minha inocência de capiau fiz o negócio. Caí na arapuca. Gente do mato tem a bobagem de acreditar em todo mundo. Comigo foi coisa do destino. O homem viu o galo e gostou, ofereceu um tanto, aceitei. Mas o danado falou: «Vou lá dentro buscar o dinheiro». E levou o galo. Me fez esperar um tempão delatado na porta e nada da bufunfa. Matutei, sentado num tamborete e Imídio não aparecia. Por fim, Reduardo Eulálio, o desgraçado chegou perto de mim e fez de conta que nem me via. Mas falei, falei sim, disse que queria o meu dinheiro. «Dinheiro, que mané dinheiro?» Feito bobo ainda insisti que era o pagamento do galo. «Galo! que mané galo? Hoje só comprei um pato na mão da Sá Colonice do Zé Miguele!» «O meu galo, moço». «Sai pra lá espinheiro que a saracura tá no brejo». Vixe Maria, não agüentei aquilo, Imídio Santana queria me humilhar. Minha vontade na hora foi brigar, queria bravança, mas o danado chamou os capangas dele para me bater. Apanhei de taca que nem cachorro, fiquei todo lapiado. Quando voltei pra Várzea Branca, vim com o rabo entre as pernas. Jurei matar aquele homem, cedo ou tarde, um dia. Olha, Reduardo Eulálio, vingança é uma coisa que dorme sensata, mas quando acorda deixa de ser semente. Chorei demais por causa daquilo e, ocê sabe, soluçado de homem é que nem um bote de jaracussu.

Oi? Hum... ali, é na frente. Isso! Depois da virada, o afamado Barreirão-do-Jegue-Morto é lá mesmo. Muito mais aroeira do que já se viu. Tudo é do velho Romualdo Machado. Ocê anda um dia

inteiro nas terras dele sem achar cerca de arame. Só tem gado arisco. Houve época do velho conhecer bezerro que nascia depois de ter virado garrote. Rico e não larga da labuta. Leva tropas nesse mundo-de-meu-Deus; às quinze bandas. Gente assim tá deixando de haver. Parece mentira, mas o Sertão parece que está encurtando. Vai, a vida é isso mesmo.

Vai indo, arrisquei a sair da Várzea Branca por uns tempos pra arranjar um plano forte e vingar do diabo do homem. Dele tive ódio. Tanto que desapareci por essas campinas afora, onde se vê muitos bois brancos espalhados nas ramagens, comendo braquiária. Caminhei demais, Ô sô! Muito embaixo, longe daqui, fiquei num lugar por uns tempos curtos, esse lugar era chamado de Ribeirão das Almas, mas hoje em dia o nome é Ribeirão de Areia. Ocê riu, né? Pois é, trocaram a alma pela areia. O seu riso é franco, Reduardo Eulálio, é o mesmo riso do seu tio. Do Ribeirão das Almas, viajei arranchado com um dono de tropas, Nhô Mané Norato. Gostei de conhecer Mané Norato. Viajamos muito. Por fim, me despedi da tropa e fui parar em Santa Maria do Suaçuí.

Não gosto muito desse delembrar demoroso, olha a saudade. Santa Maria é um lugar que gosto demais, apesar de ir por lá tão poucas vezes ultimamente. Naquele tempo trabalhei com um moço entendido das leis, Seu Ismar Kalil Sebe, homem muito inteligente. Aprendi as coisas com ele, mas esta velhice me traz esquecimento. Lá conheci seu tio, o Reduardo Eulálio, meu grande amigão do peito. Tive dois companheiros na amizade, seu tio e um outro falador de poesias e trovas bonitas, chamado Davi Gomes Temponi. Tenho saudade da voz dele que fazia as mocinhas chorarem de olhos molhados. Pois é, o tempo vai levando tudo do jeito que quer. Por esses dias, devo ir a Santa Maria, traquinar um pouco as mágoas do coração.

Se valeu? Pois sim. Com o Ismar Kalil Sebe ganhei dinheiro, comecei a conversar bem e cheio de floreio, com sotaque novo e fraseado. Também aprendi algumas letras. Me vesti melhor, desde então. Viver em cidade adiantada tem dessas coisas. Vai, um dia, percebi: tinha chegado a hora de voltar e resolver aquela chaga que me comeu por tantos anos o lado de dentro. Deixei



Santa Maria do Suaçuí com escuro, foi mês de julho, fazia muito frio, então vim para Várzea Branca. É como eu disse, aqui na época chamava Várzea Branca.

Cumé? Num ouvi direito, Reduardo Eulálio, Cumé? Ah! o mato? Mato dentro da bacia é arroz enfeitado. Esverdea bonito, né? Pois é, tô esperando chuva na semana que entra. Ela vem quando soprar um vento quente ali da serrinha. Mas a que vem vai ser passageira, é chuvinha pra matar o calor e apagar o

poeirão da estrada. Ocê que quer pescar pode tentar anzolar os mandis. Mesmo não sendo tempo de aguada grande, dá muito no córrego. O melhor é nas enchentes de dezembro, virando pro janeiro. A água fica suja de barrela e mandi gosta dela assim, depois a gente faz feiras cheias deles pra comer.

Prossigo a contar, nós desviamos o assunto e olha, não sou de falar sem estacas. Ocê é engraçado, Reduardo Eulálio, ri e abre a boca com sono, é realmente maneiroso no rir. Também rio. Ah! ... Num domingo, de tardinha, cheguei no terreiro da Várzea Branca. Mãe tinha arranjado um mocinho para ajudar na labuta da fazendinha, um tal Alegário, que desconheceu quem eu fosse, quando apeei. Dei-lhe um aperto de mão. Mãe, da cozinha, ocê note, nem não acreditava no que via. Me viu modificado, parecendo moço da cidade. Naquela hora, choramos de alegria. Vim meio trepe-trepe, às escondidas, e pessoa nenhuma da redondeza lembrava mais de Fulogênio Carvaes, depois dos anos que fiquei fora. Isso foi bom, pois ajudou a encobrir tudo o que aconteceu depois. Mas o que tem de ser já é antes de ter sido. Espia só. Naquele ínterim, Imídio Santana ficou doente, mas adoecido de quase morte. O pior é que por aqui não existia boticário, era só a Jovita benzedeira. Reduardo Eulálio, e ela falava que remédio de boticário era o que havia de curar o homem. Espia, esta redondeza foi buraco de ignorância pior do que hoje. O povo carecia de tudo quanto houvesse. Neste Sertão mineiro havia gente que nem roupa de pano usavam, vestiam cardigã de couro. No Chapadão do Gago, na Pederneira, existe um homem pelado; não veste roupa, mas é por não querer e é brabo, esse João Sõe. Bem, aproveitei a brasa na minha fornalha e veja o que imaginei: No Mindubim, passei dizendo ser um boticário viajante. Ninguém podia duvidar de mim, pois fui bem vestido, indumentado direito. Ao saber que tava num boteco, Imídio Santana mandou me chamar. Era o que eu queria. O Zé Rocha sempre fala: «É isso mesmo que o sapo qué». Com pouco fui parar no quarto escuro, onde Imídio Santana dormia seu sono perrengue. Reduardo Eulálio, o quarto fedia demais. Tinha um penico debaixo da cama recendendo um ranço de urina azeda. Vi, naquela hora, o dia da desforra chegar. Ocê riu? O tição pega

fogo é agora! Vingança passa anos amadurecendo e não apodrece. Ô mundo longarilho! Nós e o mundo! Fiquei sozim com Imídio. Assim foi que vimos um o olho do outro, só nós dois. Observei bem a cara de cavalo dele, tramelei a porta e soltei um riso doido. Não sabia porque tava rindo, mas ri demais. Imídio arregalou os olhos, fez um em-nome-do-padre com medo da risada que dei. Num estalo, pulei gatanhamente sobre o catre e fiz um tatararatatão. Apertei, com as duas mãos a goela do sem-vergonha. Aí eu falei que era o homem do galo. Gritei: «Seu miserável, ladrão desgraçado, o que vendi, lembra? Hem? Foi pato ou galo?» Peguei debaixo da cama o urinol com azedume de mijo e entornei em cima dele, fazendo uma lagariça. «É pato ou galo, filho de uma égua? Pato ou galo, miserável?» Ele ficou sem fala. Depois do fuá de briga, saltei a janela, dando gritos de «Pato ou galo?» Desapareci nas moitas de bananeira caturra.

O povo assustou. Imídio Santana, morre que não morre, falava de ter visto o boticário virar capeta e perguntar pelo Pato-ou-Galo. «Não era o boticário, vi o demo. Vi os chifres, o rabo, o espeto, o olho avermelhado, o fogo, tudo. O capeta apareceu; o danado é o sataná; perguntou pelo Pato-ou-Galo; é o Pato-ou-Galo». O trem esquentou. Chim de tudo se foi por aí. Notícia espalha nesses campos a galope e o arraial ficou ao avesso. Ninguém queria sair à noite, pois dizia-se que o Pato-ou-Galo viajava pelo arredor do Mindubim. Reduardo Eulálio, a coisa não ficou assim não, o mistagogo aumentou. Uma filha solteira de Siá Izilda aguardava cria, ia ter menino, não se sabia de quem. A mãe contou que o menino era do Pato-ou-Galo, pois sabia de cor que sua filha nunca tinha estado com um macho. Se o menino nascesse ia ser um capetinha. O medo é coisa de arrasar e desdenhar o juízo. Ocê acredita que até lembraram a expulsão dos lazarentos? Talvez fosse por isso que o capeta veio ao Mindubim, eles pensaram.

Ocê tá gostando, né? Esquece o sono, nós ainda vamos jogar truco depois da janta. Cumé? Carro-de-boi? Claro que pode! Amanhã ocê pode andar de carro-de-boi, pois meu carreiro vai levar um feijão que vendi pro cumpadre Antõe Lima. Lá ocê vai ver a Lininha, minha afilhada. Capaz de um rapaz do seu tipo gostar dela, pois é linda e prendada. Ponho fefererefefé nos dois.



Quando um homem cisma com uma coisa, é besteira, não tira da cabeça. Imídio Santana danou a pensar que o capeta veio chamar pra que ele fosse ao inferno purgar os pecados. No juízo dele, se é que ainda tinha juízo, deu de querer um padre e confessar. Queria um padre que lhe desse os santos óleos. Ah! Antes de escutar o resto da história, espia só aquela florinha, Reduardo Eulálio. É uma lindeza; é a não-te-esqueças-de-mim. Num lugar, não é muito longe não, lá no Brejo, um chiripá, onde corre uma água sertã, existem pastinhos dessa flor bela, tem de quase tudo em quanto é flor. Tem! Tem também! A camponesa-de-chapéu? Mas é claro, tem a camponesa-de-chapeu, espinho-de-meu-bem, samambaiçu, bengo, cana braba, sangra d'água e as pastoris avoando por cima daquilo. É uma imensidão esse nosso mundo.

Deixo de lado a boniteza desses campos, senão nem paro de falar. E eu que falo pouco. Bem, naquela ocasião em que aconteceu o caso do Pato-ou-Galo, havia os cacaieiros viajantes, desses que desciam das lavras do cruzeiro, voltando pra terra natal. Por um desses cacaieiros, o povo do Mindubim soube que havia um padre passando uns dias na fazenda Poço do Tigre. Foi coincidência correta, pois Imídio Santana tava precisando. Por meio de um tal Tõe Cachorro, mandaram buscar o padre. Nos entrementes, ocê note, eu já tinha ido buscar o vigário no Poço do Tigre. Fui na frente e escondido, com uma idéia desenfreada. Minha barba tava crescida e eu não parecia mais o boticário que virou capeta. Aí, resolvi fingir de padre para encontrar de novo com Imídio. O vigário, que se chamava João Teodoro, concordou em ir comigo pro Mindubim. Na Sapucaia, matinha no poente do Cruzeiro, resolvemos descansar na beira da Lagoa Treme-treme. Lá, Reduardo Eulálio, as capivaras passeiam rente ao capinzal, dá até gosto de ver. Fiquei desanuviado e enquanto padre João Teodoro assuntava as pastoris na lagoa, puxei uma parrucha da cintura, mirei entre os olhos dele e mandei que desvestisse a batina. Tirou, chorando de vergonha. Ocê riu, hem Reduardo? Malandrim! Então vesti a batina e escoramuzei o meu cavalo pelos atalhos. Vigário João Teodoro ficou na Matinha da Sapucaia chorando.

No Riachinho Boca de Girino, dei de cara com Tõe Cachorro e fomos juntos o resto do caminho. Boquinha da noite, os cavalos já tavam cansados, então passamos o Ribeirão e entramos no Mindubim. Paramos na porta do Imídio. Tõe Cachorro pediu benção, se despedindo de mim. Abençoei o pobrezim e entrei. No quarto, uma velhinha preta tirou o terço do bolso do cavour, deu de joelhos na beirada da cama e começou a rezar. Imídio gemia forte. Falei pra velhinha preta sair e nos deixar sozinhos pra confissão. Tranquei a porta e caminhei em direção à cama. Ele falava num ai-e-ui, dizendo à toda hora: «Ai, meu santo padre». Segurei a mão dele e bradei bem baixinho: «Galinha roubada não cozinha, Jerereca». Imídio tremeceu um arrepio debaixo das cobertas. O medo desta vez foi o carrasco. A friagem de ver o demônio tresmatava em sopitos a alma daquele lobo guará. Numa viradinha do atalho onde entrei, ouvi os gritos do povo: «O Pato-ou-Galo... É o Pato-ou-Galo».

Reduardo Eulálio, não vou desviar o assunto mais não, a noitinha tá chegando e daqui a pouco a janta fica pronta. Você gosta de canjiquinha cozida? Bem bom, assim nós comemos com gosto. Eta, você não tem jeito. Anda, esquece esse sono bobo.

Pois bem, no Mindubim, quando acabava de morrer, Imídio Santana, num chererém danada, só falava da figura do padre metamorfoseando no Pato-ou-Galo. O Mindubim inteiro ficou acordado aquela noite. Acenderam fogueiras pelas ruazinhas e colocaram crucifixos nas portas das casas. O tempo foi de lua nova, as estrelinhas tremeluziam e quase que podiam ser contadas, de poucas que eram. Deu meia noite. Aquela hora, entrei no povoado, assuntando de certa distância o movimento na casa do Imídio. Daí galopei. Um vento frio soprou umas rajadas e aumentou à medida que meu cavalo relinchou, rinchou, ringiu rincho, rangeu rinchadas rinchavelhadas e abriu ventas no ar. Esporei o baio e gritei alto: «É Pato-ou-Galo?» Fiz um charivari.

Os meses passaram sem o pessoal do Mindubim ter sossego. É o que digo, o povo acreditamos em tudo. Reduardo Eulálio, o arraial do Mindubim ainda é arraial ali, atrás do morro despambeirado. É um lugarzim muito atrasado, você sabe.

Popororó, tibum cererê, acabei de contar pra ocê. Gostou? Pois terminado ficou. Era uma vez uma vaca vitória, caiu no buraco e acabou-se a estória. A janta tá pronta. Além de canjiquinha ainda tem frango com quiabo. Olha a negrinha Bituca chamando. Cansaço? Já digo outra vez, deixa de lado, ocê cansa muito, tem corpo mole. Sem ases e oses, depois tem o jogo de truco. Cumpadre Zé Tininho e Zé Rocha vão jogar com a gente. Nós dois vamo jogar de parceiragem. Truco! Vale seis, rato-da-barriga-branca! Coisa bonita é viver, num é mesmo? Assoma só o ângelus da fogo-apagou! Vai ser noite de escuro hoje.